

Apertaram-se as mãos, abalados da cabeça aos pés por invencíveis tremores.

O oficial gritou:

— Fogo!

Os doze tiros foram como um só.

O Sr. Sauvage caiu em cheio sobre o nariz. Marissot, mais alto, oscilou, girou e desabou sobre o companheiro, com o rosto para o céu, enquanto de sua túnica, crivada no peito, se escapavam borbotões de sangue.

O alemão deu novas ordens.

Seus homens se dispersaram, e voltaram depois com cordas e pedras, que ataram aos pés dos dois mortos; em seguida levaram-nos à ribanceira.

O Mont-Valérien não parava de ribombar, tocado, agora, de uma montanha de fumaça.

Dois soldados seguraram Morissot pela cabeça e pelas pernas; dois outros pegaram o Sr. Sauvage de modo idêntico. Os corpos, balançando com força por um instante, foram atirados ao longe, descreveram uma curva, depois mergulharam no rio, a prumo, arrastados pelas cordas.

A água esguichou, borbulhou, estremeceu, acalmou-se por fim, enquanto pequeninas vagas vinham até às margens.

Flutuava um pouco de sangue.

O oficial, sempre sereno, disse a meia voz:

— Agora é a vez dos peixes.

E tornou para casa.

De repente avistou na grama a rede com as cavalas.

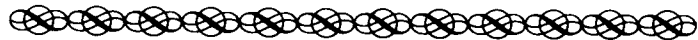
Apanhou-a, examinou-a, sorriu, gritou:

— Wilhelm!

Acorreu um soldado de avental branco. E o prussiano, atirando-lhe a pesca dos dois fuzilados, ordenou:

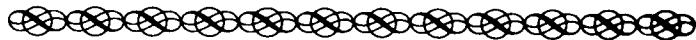
— Trate de me fritar quanto antes estes bichinhos, enquanto ainda estão vivos. Será uma delícia.

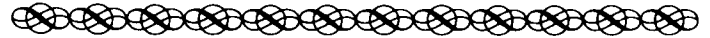
E voltou a fumar o seu cachimbo.



As Jóias

Guy de Maupassant





Tendo encontrado aquela moça numa festa, em casa do seu subchefe de seção, o Sr. Lantin sentiu o amor envolvê-lo como uma rede.

Era filha de um coletor de província, que morrerá havia alguns anos. Viera depois morar em Paris em companhia da mãe, que freqüentava algumas famílias burguesas do seu bairro na esperança de casar a menina. Eram pobres e honradas, quietas e afáveis. A moça parecia o tipo acabado da mulher de bem, a quem o jovem morigerado sonha confiar a vida. Havia em sua beleza modesta a graça de um pudor angélico, e o imperceptível sorriso que lhe pairava sempre nos lábios parecia um reflexo do seu coração.

Era louvada por toda a gente; todos aqueles que a conheciam levavam o tempo a repetir: — “Feliz o que se ligar a esta. Não se poderia encontrar melhor.”

O Sr. Lantin, então primeiro-amanuense do Ministério do Interior, com vencimentos anuais de três mil e quinhentos francos, pediu-a em casamento e a desposou.

Foi inverossimilmente feliz na escolha. Ela dirigia-lhe a casa com uma economia tão hábil que o casal parecia viver no luxo. Não havia atenções, delicadezas, mimalhices que ela não tivesse com o marido; e tão grande era a sedução de sua pessoa que, seis anos depois de se haverem encontrado, ele a amava ainda mais do que nos primeiros dias.

Somente duas paixões lhe censurava ele: a do teatro e a das jóias falsas.

Suas amigas (ela conhecia algumas mulheres de modestos funcionários) estavam sempre a lhe arranjar camarotes para as peças em voga, e até para as primei-

tas representações; e ela arrastava o marido, a gosto ou a contragosto, para essas diversões, que o fatigavam horrorosamente após o seu dia de trabalho. Assim, ele pediu-lhe consentisse em ir ao espetáculo com alguma senhora de suas relações, que a traria de volta. Não foi sem longa relutância que ela cedeu, não lhe parecendo muito certa essa maneira de agir. Decidiu-se, afinal, por complacência, com o que o tornou infinitamente grato.

Ora, esse gosto do teatro não tardou a despertar-lhe a necessidade de se enfeitar. Suas vestes, é verdade, continuavam a ser muito simples, sempre de bom gosto, porém modestas; e sua doce graça, sua graça irresistível, humilde e sorridente, parecia adquirir novo sabor com a simplicidade dos vestidos; ela, no entanto, contraiu o hábito de pendurar nas orelhas dois grossos seixos do Reno que simulavam diamantes, e usava colares de pérolas falsas, braceletes de pechisbeque, pentes ornados de variegadas miçangas imitantes a pedras finas.

O marido, a quem chocava um pouco esse amor da lentejoula, repetia de vez em quando:

— Minha querida, quando a gente não tem meios de adquirir jóias verdadeiras, adorna-se apenas com a sua beleza e a sua graça: são estas, ainda, as jóias mais raras.

Ela, porém, sorria docemente e repetia:

— Que quer você? Isso me agrada. É o meu vício. Bem sei que você tem razão; mas ninguém muda a sua natureza. Eu, por mim, adoraria as jóias!

E fazia rolar entre os dedos os colares de pérolas, espelhar as facetas dos cristais lapidados, repetindo:

— Mas olhe como é bem-feito. Dá para se jurar que é verdadeiro.

Ele sorria:

— Você tem gostos de cigana.

Às vezes, pela noite, quando se achavam face a face ao canto da lareira, ela trazia para a mesa onde tomavam o chá a caixa de marroquim em que guardava a "pacotilha", como lhe chamava o Sr. Lantin; e punha-se a examinar aquelas jóias imitadas com uma atenção ardente, como se saboreasse um gozo secreto e profundo; e teimava em cingir com um colar o pescoço do marido, para rir depois gostosamente, exclamando:

— Como você está engraçado!

E atirava-se-lhe aos braços, beijando-o perdidamen-

te.



Certa noite de inverno, ela voltou da Ópera a tremer de frio. No dia seguinte começou a tossir. Oito dias depois, morria de uma congestão pulmonar.

Lantin esteve a ponto de ir com ela para o túmulo. Seu desespero foi tão terrível que dentro de um mês ficou de cabelos brancos. Chorava da manhã à noite, com a alma dilacerada por um sofrimento intolerável, perseguido pela lembrança, pelo sorriso, pela voz, por todo o encanto da morta.

O tempo não lhe aplacou a mágoa. Muitas vezes, durante as horas da repartição, quando os colegas vinham conversar um pouco sobre os acontecimentos do dia, de repente viam intumescer-se-lhe as faces, o nariz enrugar-se, os olhos encherem-se de água; fazia uma careta medonha e punha-se a soluçar.

Conservara intacto o quarto da companheira, onde se encerrava todos os dias para pensar nela; e todos os móveis, e até as suas vestes, permaneciam nos mesmos lugares em que se encontravam no último dia.

Entretanto, a vida se lhe fazia dura. Seus vencimentos, que, nas mãos da esposa, chegavam para todas as necessidades da casa, agora se tornavam insuficientes para ele só. E perguntava a si mesmo, atônito, como era que ela soubera arranjar-se para fazer-lhe beber sempre vinhos excelentes e comer iguarias finas, que ele já não podia adquirir com os seus modestos recursos.

Contraiu algumas dívidas e correu atrás do dinheiro como as pessoas que vivem de expedientes. Enfim, certa manhã, vendo-se sem um soldo, uma semana inteira antes do fim do mês, pensou em vender alguma coisa; e logo lhe ocorreu desfazer-se da "pacotilha" de sua mulher, pois guardara no íntimo da alma uma espécie de rancor contra aqueles engana-vistas que o irritavam outrora. Bastava-lhe vê-los, cada dia, para que se lhe estragasse um pouco a lembrança da criatura amada.

Por muito tempo remexeu no monte de pechisbeque que ela deixara, pois até os últimos dias de vida os comprara obstinadamente, trazendo quase cada noite um objeto novo, e decidiu-se pelo grande colar que ela parecia preferir, e que bem poderia valer, pensava ele, seis ou oito francos, pois era verdadeiramente muito bem trabalhado para coisa falsa.

Meteu-o no bolso e dirigiu-se ao Ministério ao longo dos bulevares, à procura de uma joalheria que lhe inspirasse confiança.

Vendo uma delas, enfim, entrou, um pouco envergonhado de ostentar assim a sua miséria e de procurar vender uma coisa de tão pequeno valor.

— Senhor — disse ao comerciante — gostaria de saber quanto acha que vale isto.

O homem recebeu o objeto, examinou-o, virou-o, sopesou-o, tomou de uma lente, chamou o caixeiro, fez-lhe observações em voz baixa, repôs o colar sobre o balcão e olhou-o de longe para melhor apreciar o efeito.

Molestado com tantas cerimônias, o Sr. Lantin ia abrindo a boca para declarar: — "Oh! bem sei que isso não vale nada" — quando o joalheiro pronunciou:

— Cavalheiro, isto vale de doze a quinze mil francos; mas eu só poderia comprá-lo se o cavalheiro me desse a conhecer exatamente a procedência da jóia.

O viúvo escancarou os olhos e permaneceu boquiaberto, sem compreender. Balbuciou, afinal:

— O senhor acha?... Tem certeza?

O outro não lhe entendeu bem o espanto, e, secamente:

— Então o senhor pode ver se alguém lhe dá mais. Para mim, o colar vale, no máximo, quinze mil francos. Se não achar melhor oferta, pode voltar.

O Sr. Lantin, inteiramente estupidificado, retomou o colar e partiu, cedendo a uma confusa necessidade de se achar sozinho e de refletir.

Desde, porém, que se encontrou na rua, sentiu-se tomado de uma vontade de rir, e pensou: — "Que imbecil! oh! que imbecil! Se eu o tivesse pegado na palavra! Está aí um negociante de jóias que não sabe distinguir o falso do verdadeiro!"

E entrou na casa de outro comerciante na entrada da Rua da Paz. Logo que avistou a jóia, o joalheiro exclamou:

— Ah! conheço bem este colar; foi comprado aqui.

Muito perturbado, o Sr. Lantin perguntou:

— Quanto vale?

— Eu o vendi por vinte e cinco mil francos. Estou pronto a readquiri-lo por dezoito mil, desde que o senhor me indique, para obedecer às prescrições legais, de que maneira ele chegou às suas mãos.

Desta vez o Sr. Lantin sentou-se, paralisado de espanto.

— Mas... mas, examine-o bem atentamente, cavalheiro; até agora eu julgava que ele era... falso.

O joalheiro replicou:

— O senhor quer-me dizer o seu nome?
— Pois não! Chamo-me Lantin, trabalho no Ministério do Interior, moro na Rua dos Mártires, n.º 16.

O negociante abriu os seus registos, examinou-os, e disse:

— Com efeito, este colar foi mandado à residência da Sr.^a Lantin, na Rua dos Mártires, n.º 16, a 20 de julho de 1876.

E os dois homens se fitaram nos olhos, o funcionário tomado de surpresa, o joalheiro farejando um ladrão.

— Quer-me deixar este objeto — perguntou o comerciante — por vinte e quatro horas apenas, mediante recibo?

O Sr. Lantin balbuciou:

— Mas está claro! Sem a menor dúvida.

E saiu, dobrando o papel, que meteu no bolso.

Atravessou a rua, subiu de novo, notou que errara o caminho, tornou a descer às Tulherias, transpôs o Sena, reconheceu novamente o seu engano, voltou aos Campos Elísios, num aturdimento absoluto. Esforçava-se para raciocinar, para compreender. Sua mulher não poderia ter comprado um objeto de semelhante valor. — “Certamente que não.” — “Mas então era um presente! Um presente! Um presente de quem? Por quê?”

Parara, e conservava-se de pé no meio da avenida. A dúvida horrível o tocou. — “Ela?” — “Mas então todos os demais objetos eram presentes.” Teve a impressão de que a terra tremia; de que uma árvore, diante dele, vinha ao chão; estendeu os braços e caiu sem sentidos.

Tornou a si numa farmácia aonde os transeuntes o haviam levado. Fez-se reconduzir a casa, e trancou-se.

Chorou desesperadamente até à noite, mordendo um lenço para não gritar. Depois, deitou-se, prostrado de cansaço, e dormiu um sono pesado.

Um raio de sol o despertou, e levantou-se para ir ao Ministério. Era duro trabalhar depois de tamanho abalo. Então refletiu que podia escusar-se junto ao chefe; e escreveu-lhe. Lembrou-se de que devia voltar à casa do joalheiro; e corou de vergonha. Passou muito tempo a refletir. Não, não podia deixar o colar nas mãos daquele homem; vestiu-se, e saiu.

Fazia bom tempo, o céu azul se estendia sobre a cidade, que parecia sorrir. Ociosos andavam sem rumo, com as mãos nos bolsos.

Vendo-os passar, disse Lantin consigo mesmo: — “Como se é feliz quando se tem dinheiro! Com dinheiro

a gente pode mandar ao diabo as aflições, pode ir aonde quer, viajar, distrair-se! Ah! se eu fosse rico!”

Notou que estava com fome: não comia desde a antevespera. Mas tinha a algibeira vazia, e tornou a lembrar-se do colar. Dezoito mil francos! Dezoito mil francos! Era uma importância respeitável!

Ganhou a Rua da Paz e começou a passear de um lado para outro na calçada, diante da joalheria. Dezoito mil francos! Vinte vezes esteve a pique de entrar, mas a vergonha sempre o detinha.

Tinha fome, porém, muita fome, e nem um soldo. De repente se decidiu, atravessou a rua correndo para não ter tempo de refletir, e lançou-se na joalheria.

Mal o avistou, o comerciante precipitou-se, ofereceu-lhe uma cadeira com uma polidez risonha. Aproximaram-se até os caixeiros, que olhavam para Lantin de esguelha, com sorrisos nos olhos e nos lábios.

O joalheiro declarou:

— Já estou informado, cavalheiro, e, se o cavalheiro se acha com as mesmas disposições, estou pronto a lhe pagar a soma que lhe propus.

O funcionário balbuciou:

— Mas como não!

O outro tirou de uma gaveta dezoito grandes cédu-las, contou-as, entregou-as a Lantin, que assinou um pequeno recibo e, com a mão trêmula, meteu o dinheiro no bolso.

Quando ia sair, voltou-se para o negociante, que sorria sempre, e, baixando os olhos:

— Eu tenho... eu tenho outras jóias... que me vieram... da mesma herança. Será que lhe conviria também comprá-las?

O negociante inclinou-se:

— Mas como não, cavalheiro!

Um dos caixeiros saiu para rir à vontade; outro se assoava com força.

Impassível, ruborizado e grave, Lantin anunciou:

— Vou trazê-las.

E tomou um fiacre para ir buscar as jóias.

Quando, uma hora depois, voltou à joalheria, ainda não almoçara. Puseram-se a examinar os objetos, peça a peça, avaliando cada um deles. Quase todos tinham sido vendidos pela casa.

Agora, Lantin discutia as avaliações, zangava-se, exigia que lhe mostrassem os livros de venda, e falava cada vez mais alto à medida que se elevava a soma.

Os grandes brincos de brilhantes valem vinte mil francos, os braceletes trinta e cinco mil, os broches, anéis e medalhões dezesseis mil, um adereço de esmeralda e de safiras quatorze mil, um solitário pendente de uma cadeia de ouro em forma de colar, quarenta mil, atingindo o conjunto a importância de cento e noventa e seis mil francos.

O comerciante declarou com uma bonomia zombeteira:

— Isto era de uma pessoa que empregava todas as suas economias em jóias.

E Lantin, gravemente:

— É um modo como outro qualquer de colocar o dinheiro.

E saiu, após haver decidido com o comprador que no dia seguinte se procederia a uma segunda avaliação.

Quando se viu na rua, olhou para a coluna Vendôme com desejo de galgá-la, como se fosse um pau-de-sebo. Sentia-se bastante leve para brincar de eixobadeixo sobre a estátua do Imperador, empoleirada lá em cima no céu.

Foi almoçar no Voisin e bebeu vinho de vinte francos a garrafa.

Depois tomou um fiacre e deu uma volta ao Bosque. Olhava para as carruagens com certo desprezo, mordido pelo desejo de gritar aos passantes: — “Eu também sou rico! Eu tenho duzentos mil francos!”

Veio-lhe de novo à lembrança o Ministério. Fez-se conduzir até lá, entrou resolutamente no gabinete do chefe e anunciou:

— Venho pedir-lhe a minha demissão. Recebi uma herança de trezentos mil francos.

Foi apertar a mão dos antigos colegas e confiou-lhes os seus projetos de vida nova; depois, jantou no Café Inglês.

Achando-se ao lado de um cavalheiro que lhe pareceu distinto, não pôde resistir à tentação de lhe confiar, com certa ostentação, que acabava de herdar quatrocentos mil francos.

Pela primeira vez na vida não se entediou no teatro, e passou a noite em companhia de mulheres.

Seis meses depois, tornou a casar-se. A segunda mulher era muito honesta, mas de um gênio difícil. Fê-lo sofrer muito.



Putois

Anatole France

A Georg Brandes

